



31761070458799

ALBERTO PIMENTEL

EXCELENTE

EXCELENTE

O SONHO
DA RAINHA

EXCELENTE

PQ

9261

P46S6



ALBERTO PIMENTEL

O SONHO DA RAINHA



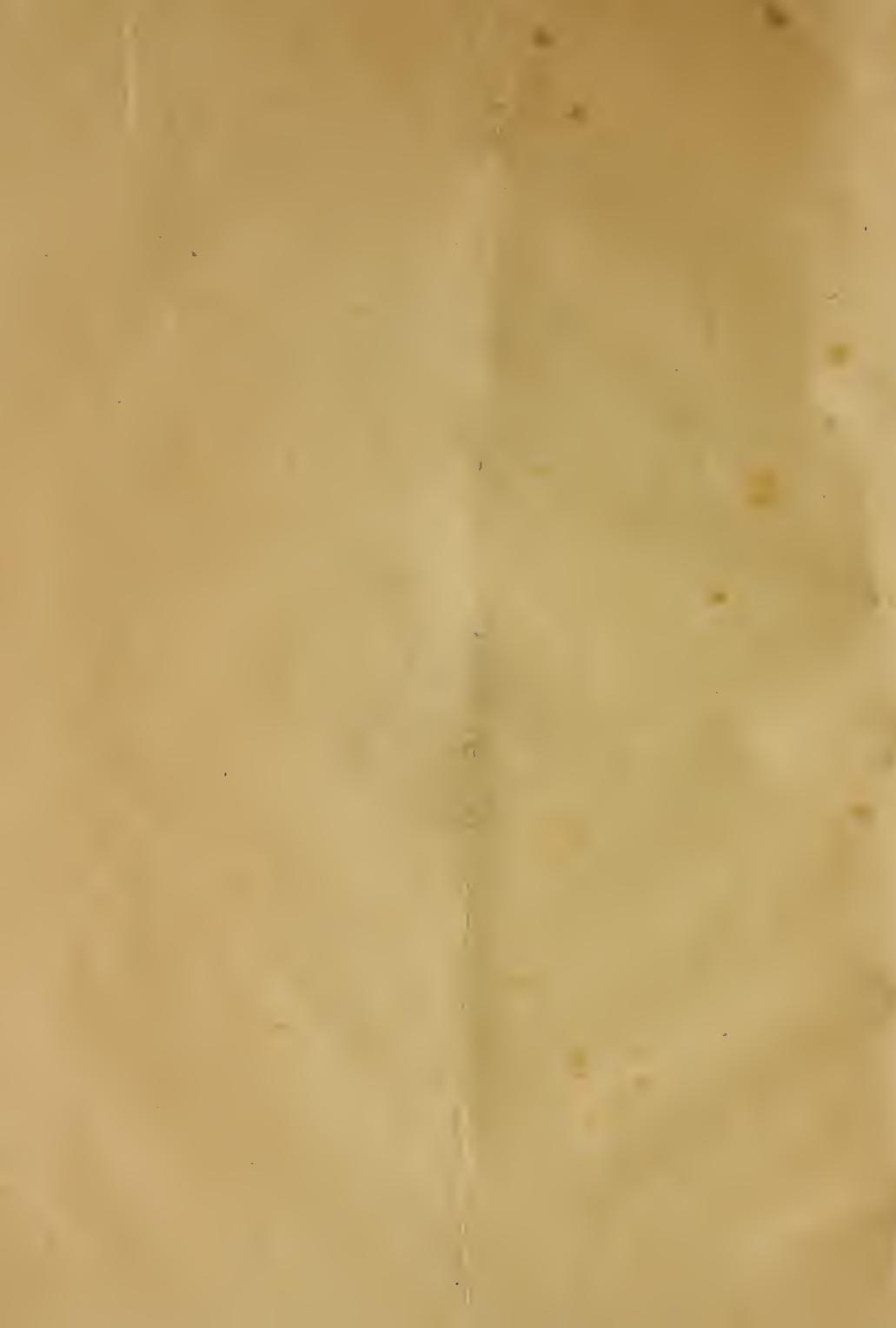
1900

LIVRARIA EDITORA

GUIMARÃES, LIBANJO & C.^{IA}

108, Rua de S. Roque, 110

LISBOA



ALBERTO PIMENTEL

O SONHO DA RAINHA



1900
LIVRARIA EDITORA
GUIMARÃES, LIBANIO & C.^{IA}
108, Rua de S. Roque, 110
LISBOA

PQ
9261
P4656





NUMA grande reunião, realizada no edifício do ministerio do reino em 11 de junho de 1899, disséra Sua Magestade a Rainha de Portugal, D. Maria Amélia de Orleans:

«Afflita pelo que via nas casas pobres, nos hospitaes que visitava e ainda pelo que lia em inumeros requerimentos, em que a tisica aparecia sempre como a nota mais sombria, já ha muitos annos o meu ardente desejo era dedicar-me ao serviço dos tuberculosos. Entre vós deve haver alguem dos que n'essa occasião me ajudaram a estudar o assumpto.

«Mas então surgiram mil dificuldades e a ideia não estava bastante vulgarizada para eu

poder, como faço hoje, dirigir-me a vós com o fim de levar a bem este meu fundo empenho.

«A situação de hoje é diferente. A experiência está feita, e em grande, e em quasi todos os paizes civilisados; com certesa sei que o nosso seguirá a sua bizarra tradição de bemfazejo e o exemplo dos demais.

«Não precisando traçar o horrendo quadro da mais mortifera e da mais frequente de todas as doenças, porque todos teem de certo sentido bem perto a sua ltuosa passagem, simplesmente direi que vos reuni hoje aqui para fundarmos uma associação, em que quereria ver entrar todos os portuguezes e a que chamarei «Assistencia nacional aos tuberculosos».

O meu folhetim procurou ser um reflexo das palavras piedosas da rainha, e da sua constante preocupação de promover e praticar o Bem.

Foi publicado no jornal *O Popular*, de 31 de julho d'aquelle anno, e reimpresso no mesmo jornal em 6 de junho de 1900.

E' agora estampado em *separata* como homenagem á rainha e ao favor publico com que foi recebido.



O SONHO DA RAINHA

Arainha era gentil e bella e tinha nos labios um sorriso doce, de uma doçura vagamente triste, como de quem comprehende os grandes dramas da miseria humana.

E de vez em quando isolava-se no seu castello da montanha e afundava o olhar melancolico n'um horizonte sem fim, que abrangia o mar immenso.

E as brumas da noite vinham poistar nos torreões do seu castello como um pensamento sombrio, que tornava ainda mais scismadora a alma da linda rainha.

E os cortezãos, por distrait-a, diziam-lhe:

— Senhora, sois nova e bella, vindes do mais alegre paiz do mundo; por que haveis de parecer sempre triste?

E a rainha respondia com um sorriso doce, de uma doçura vagamente torturada, como de quem comprehende os grandes dramas da miseria humana.

— Senhora, volviam os cortezaos por conseguir o seu proposito: sois de um paiz de cavalleiros e paladinos, deveis saber a historia de Roland, que morreu por traição na emboscada de Roncevalles: dignai-vos contar-nol-a, senhora. Roland, segundo a tradição dos seculos, era esvelto como vós e o seu caracter tão leal e dedicado como o vosso. Fallai-nos d'esse bom tempo de Carlos Magno, que subjugou os povos da Aquitania e conquistou a Catalunha aos sarracenos. Decerto ouvistes ler, nos seões da meninice, a *Canção de Roland*: dignae-vos, senhora, recordar perante nós os feitos cavalheirescos da vossa patria.

E a rainha, com um sorriso maguado, respondia:

— Na emboscada de Roncevalles morreu apenas um troço do exercito de Carlos Magno, confiado ao nobre Roland. Mas deveis saber que ha emboscadas mais sanguinolentas do que essa: são as da morte que vae ceifando vidas em flor, de creanças e donzelas, todos os dias, n'um Roncevalles eterno.

— Affastai do vosso espirito, senhora, esses pensamentos tristes, que são como as brumas do mar quando envolvem o vosso castello alcantilado. Todos lá fóra dirão: «Como a rainha é feliz n'aquellea formosa montanha, em cujo bosque as aves cantam e o sol depõe os seus primeiros beijos de luz! E comtudo, senhora, vós pareceis viver constantemente n'um sonho dolorido, que não nos é dado perscrutar.»

— Sonho ou realidade, eu sinto cair em torno de mim as ultimas folhas do outono e oíço uma canção, que não é a de Roland, mas de Millevoye.

— Qual, senhora nossa?

— Aquella que diz chorando:

Adeus, floresta querida!
 Vistes luto por meu fim?
 Como te cai folha a folha
 A morte me segue assim.

— Senhora, tambem deveis saber alguma historia do tempo dos frances salios, que teria especial encanto passando através dos vossos labios. Contai-nos, que o não sabemos bem, como foi que o grande Clovis, por amor da piedosa Clotilde, filha do rei dos burgundos, se fez christão na Gallia antiga.

— Toda a historia do passado é igual a um monumento de pedra, que recorda os mortos e pode estimular os vivos. Mas os principes devem ler mais no futuro que no passado, porque não ha dois momentos iguaes na historia dos povos, e o que hontem foi um problema sem resolução pode ser ámanhã uma conquista do espirito humano.

E a rainha, conservando nos labios o seu doce sorriso, de uma doçura vagamente triste, como de quem comprehende os grandes dramas da miseria humana, parecia concentrar-se n'uma preocupação constante e d'ahi a pouco dizia phrases inteiras, como se estivesse sonhando, sem que os cortezãos pudessem comprehendel-a :

— Creanças mirradas, como flores que o sol queimou, vão tocadas pela morte jazer na terra fria. Vel-as que passam, cantando e chorando: cantando a gloria de Deus, que as vai receber; chorando saudades do regaço materno, onde não tornarão a voltar. Sabeis quem as victimou? Foi um

monstro mais carniceiro ainda do que Moloch. Quem puderá arrancar uma espada, d'álém, d'aquelle grande panóplia de el-rei, e atravessar de um só golpe o coração do monstro para libertar as creanças que elle espera de braços abertos!

Os cortezãos trocavam entre si um olhar desconsolado, de amargura sincera, que parecia poder traduzir-se n'esta simples phrase: «A rainha delira!»

E na bocca fresca da rainha, que parecia uma rosa de maio, continuavam a desabrochar palavras visionarias:

— Agora, depois das creanças, vão passando donzelas vestidas de branco, frias e silenciosas, com as faces abatidas, os ossos furando a pelle. A sua formosura durou apenas um momento, porque os vermes do sepulcro cairam sobre os seus leitos e começaram a roer a carne mimosa, que lhes sabia tão bem como aos gulosos uma vianda delicada. Não vedes? Vão-n'as seguindo e chorando os seus namorados cobertos de luto, os seus pais que se arrepellam n'um frenesi de dor inconsolavel. Pois eu quero fazer parar todo esse lugubre cortejo, que parece encaminhar-se para um cadafalso, onde todos os dias são sacrificadas dezenas de victimas innocentcs.

E os cortezãos, profundamente impressionados, não sabiam se deviam ouvir o monologo plangente da rainha ou a voz da multidão que dizia á porta do castello: «Como a rainha é feliz! temos inveja da rainha...»

— Não vedes, continuava a rainha, a turba dos operarios que vão desfilando agora a passos incertos, movendo pernas descarnadas, braços resequidos, como a quererem lutar ainda com a morte que os arrasta? A sua respiração é ruidosa como o som de um folle que despeja

o ultimo ar. A pallidez das faces, reparai, faz lembrar o limão verde, que os passaros não querem bicar ainda. E o peito deprimido parece esmagado por uma pedra, que rolou do alto, para fazer victimas. Após esses esqueletos que passam, espraia-se o longo bando dos orphãos desamparados e das viuvas desvalidas: creanças que choram, mulheres que soluçam—a procissão dos desgraçados, o cortejo dos miserios.

— Como a rainha é feliz! temos inveja da rainha, murmurava entretanto o povo á porta do castello.

E os cortezãos, cada vez mais convencidos de que a rainha delirava, olhavam entre si parecendo quererem dizer uns aos outros:

— Como o povo se engana! chegamos a ter dó do povo!

Um dia, logo ao romper da manhã, as campainhas do castello soaram longa e estridulamente.

Levantou-se grande borborinho em todo o paço real, porque não se sabia ao certo qual fôsse a causa de tamanho alarme.

Era a rainha que chamava, uma vez, muitas vezes, insistente, impacientemente.

— Mandae procurar medicos, trazei quantos possam ser encontrados, que de todos preciso eu.

Uma voz exclamou afflictivamente:

— A rainha está indisposta! Tragam medicos, muitos medicos.

E a rainha sorriu tranquillamente repetindo:

— Medicos, muitos medicos.

E nos scus labios desabrochou mais uma vez aquelle sorriso doce, de uma doçura vagamente triste, como de

quem comprehende os grandes dramas da miseria humana.

Foram chegando medicos, muitos medicos, e a rainha disse a todos e a cada um :

— Horrorisa-me o espectaculo da devastaçao enorme, que uma só doença produz: a tuberculose. Quero fazer parar o cortejo que vai levando ao cemiterio, todos os dias e a todas as horas, as tenras creanças mirradinhas, as lindas raparigas que o sofrimento fanou, e os magros operarios que deixam viuvas e orphãos. Será possivel conseguil-o?

E um dos medicos mais arrojados respondeu:

— E', senhora.

Outro, mais timido, observou:

— Senhora, para fazer parar o lugubre cortejo da tuberculose é preciso reconstituir desde o berço a natureza humana.

— Pois bem, acudiu de prompto a rainha, iremos procurar as creanças ao berço para salval-as da sepultura.

— Senhora, tornou o medico timido: a sciencia só não pode tanto.

— Que mais é preciso? perguntou a rainha.

— A caridade.

— Chamal-a-hei e ella virá, porque Jesus Christo disse: «Pedi e dar-vos-hão.»

E então aquelle medico timido concluiu sentenciosamente:

— Senhora, o exemplo que vem do alto é como uma luz que illumina todos os corações. Seremos mais fortes e solícitos com o vosso exemplo: é o que pode prometter a sciencia dos homens.

No sorriso da rainha brilhou um clarão mais doce ainda que o habitual, como de uma consciencia satisfeita e de uma alma amargurada que parece tranquillisar-se por alguns momentos.

E enquanto a rainha sorria concentrada, como n'um ideal de felicidade muito intimo e consolador, a corte, refazendo-se de uma longa commoção, segredava-se comentando:

—E' a primeira vez que a rainha parece feliz!











PQ Pimentel, Alberto
9261 O sonho da rainha
P4636

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

